

---

# *O MUNDO DA VIDA E A TECNOLOGIA*

## *FORA DE CONTROLE*

---

*Thelman Madeira de Souza<sup>1</sup>*

### **Introdução**

Nosso objetivo é mostrar a relação perversa entre a tecnologia, a serviço do capital, e o mundo da vida. Para tanto, é necessário entendermos o mundo da vida, para Husserl, e o significado de uma tecnologia, hoje, avassaladora, que, embora serve do capital, faz dos homens seus escravos.

Devemos destacar que essa questão deve ser encarada, sob o enfoque da fenomenologia, que é, antes de tudo, um método, uma atitude. A perspectiva fenomenológica será sempre o ponto de partida da distinção entre o mundo natural e o mundo técnico: como a filosofia veria esses dois aspectos.

Dessa maneira, ficaria demonstrado que o mundo das ciências e da técnica é um mundo artificial (artifícios produzidos pelo homem), cujo papel idealizador é criticado por Husserl.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia no PPGF/IFCS/UFRJ.

Cada época é dominada por uma consciência de mundo, cuja resultante é a consciência de verdade, uma concepção de verdade que transmuta, ao longo da história, chegando ao século XVI, como uma idéia de construção, isto é, o mundo é o caos e, portanto, a razão exige que o homem coloque ordem no mundo. As ciências, então, a partir do renascimento, são criticadas por Husserl, porquanto se desvirtuaram de suas finalidades, esquecendo-se do mundo da vida. Em outras palavras, as ciências idealizaram o mundo da vida. Desvirtuaram o sentido da própria cientificidade.

Com isso, em que pese a sua importância, as ciências, ao idealizarem o mundo da vida, transformaram-no num mundo físico-matemático, capaz de explicar a natureza, através de hipóteses e leis (leis ideais), determinantes desta.

Ora, existe um reino da técnica e um reino da natureza. Todavia, o homem, cada vez mais, se une à natureza artificial e abandona o que é natural, porque o que é natural não tem valor econômico.

Já, no século XX, a mudança se dá, de maneira radical e veloz, pois o interesse da física deixa de ser o infinitamente grande (a física do século XIX) e passa a ser o infinitamente pequeno (a física de partículas do século XX), o que não deixa de ser um modo de idealizar a natureza.

Para a técnica, o que interessa é o progresso pelo progresso, onde se privilegia somente o progresso, desligando-o da razão e qualquer sentido moral, e, assim, a ciência e a técnica perdem a sua finalidade. Instaura-se, então, a crise da ciência, a crise da ciência européia: a crise da humanidade.

Estas, com certeza, são as conseqüências nefastas da idealização do mundo. Daí, a proposta de retorno ao mundo da vida (ao vivido) e a uma significação do mundo, trazendo novos sentidos para ele (o humano, a liberdade etc.).

Husserl faz um chamamento ao mundo da vida, abrindo uma frente de luta com o positivismo, que reduzia as ciências aos fatos. Tratava-se, nessa situação, de voltar aos fatos, destituídos da idealização positivista, dando-lhes um fundamento incontestável: a descrição de suas essências.

Resta-nos, agora, lembrar que o nosso trabalho se dividirá em dois tópicos: no primeiro, um ponto fulcral da fenomenologia de Husserl que é o mundo da vida; no segundo, definiremos tecnologia e sua importância no mundo de hoje, para o bem e para o mal, isto é, a serviço do capital predador.

Finalmente, a conclusão, onde estarão, de forma resumida, os conteúdos fundamentais, sob a forma do fecho do trabalho. Nele, recapitulam-se, resumidamente, os resultados do trabalho elaborado, cujas características devem primar pela essencialidade, brevidade e personalidade. Nesse momento, o autor do trabalho se posiciona, faz críticas e apresenta as suas contribuições de marca pessoal.

## **1. O MUNDO DA VIDA DE HUSSERL**

A influência da Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) foi tamanha que hoje se tornou difícil avaliá-la em toda a sua extensão e profundidade. Com ela, Husserl não olha o mundo que o cerca de fora, de maneira objetiva, mas busca compreendê-lo na perspectiva do sujeito. Considera a contemplação objetiva como um obstáculo, porque conduziria ao positivismo, como expôs em sua obra *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*. O mundo da vida (*Lebenswelt*) é dado ao sujeito como horizonte de experiência centrada no seu eu.

O conceito de mundo da vida serve a Husserl para uma crítica radical das ciências, cuja idealização já é resultado de métodos de conhecimento fundados em nossa experiência imediata. É claro que

Husserl quer questionar as certezas ingênuas das ciências, embora estas emergjam do próprio mundo da vida.

O propósito de Husserl é mostrar que o *Lebenswelt* constitui o solo de toda operação de conhecimento e de toda determinação científica. É preciso deixar claro que a tarefa do mundo da vida no projeto husserliano é se contrapor à natureza idealizada.

Em sua obra *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*, Husserl está preocupado em recuperar o sentido da filosofia moderna, que, para ele, é responsável por ditar a vida cultural européia, e, que por ter sido deturpada na sua motivação original, gerou uma crise de toda civilização ocidental. A meta final de Husserl, na obra aludida, é resgatar o *telos* proposto para a humanidade com a idéia *de modo que os ideais racionais mostrem-se como aquilo que está incluído por essência na humanidade como tal*. Desse modo, Husserl propõe uma retomada dos ideais absolutos racionais por meio da fenomenologia transcendental.

Todas as antecipações fenomênicas científicas remetem ao mundo da vida, o único que é experimentado por nós e não a um mundo objetivo aquém do vivido intuitivamente. Explicitando, ainda mais, a questão, Husserl diz que não se trata de desmentir nenhum dado científico, mas somente de descrever as operações de idealização pelas quais se pode obter o conhecimento científico, enfatizando a vivência sensível que torna possível tal trabalho (HUSSERL, 1970, p. 80).

É bem verdade que a oposição husserliana entre o mundo da vida e a natureza idealizada gera interpretações que destacam uma separação entre os temas fenomenológicos e a razão científica, sugerindo um irracionalismo. No entanto, Husserl não é a favor do irracionalismo. De fato, Husserl censura o racionalismo clássico por esquecer o *Lebenswelt*, desconhecendo-lhe o papel de fundamento

do mundo científico. O mundo da vida não é anti-científico; mais que tudo é o lugar de toda atividade racional. Os fenômenos reúnem-se espontaneamente em sistemas de relações, constituindo uma rede expressiva. Nessa linha, se expressa Merleau-Ponty: “as mais simples percepções de fatos versam sobre relações e não sobre termos absolutos” (MERLEAU-PONTY, 1999, P. 9). Ao contrário, a fenomenologia não vem restringir a racionalidade da contemporaneidade, mas expandi-la até sua raiz sensível.

A proposta de retorno ao *Lebenswelt* não equivale a um desmentido da ciência, tampouco a um chamamento a uma instância a salvo do poder destruidor da razão instrumental. Com aquela sugestão buscava-se revelar a fonte subjetiva do *logos*, combatendo o reducionismo positivista e reafirmando a teleologia racional, estabelecida por meio de normas absolutas racionais definidas pela subjetividade transcendental.

Husserl acrescenta ao *logos* o sensível. Reconhece também que a metafísica objetivista da ciência moderna é responsável pela crise contemporânea. Por meio da fenomenologia busca-se reconduzir a ciência à velha razão universal.

## **2. A TECNOLOGIA, NO MUNDO DA VIDA DE HOJE, A SERVIÇO DO CAPITAL PREDADOR**

A tradição romântica do final do século XVIII era pessimista em relação à ciência e à tecnologia. Os românticos já alertavam para os seus aspectos problemáticos e perniciosos. Particularmente, na Alemanha, houve uma leitura pessimista sobre os males da sociedade em geral e da sociedade tecnológica em particular.

No entanto, no mundo anglófono, a avaliação ampla, popular e crítica da tecnologia, somente ocorreu após as bombas atômicas

sobre Hiroshima e Nagasaki, o que facilitou o surgimento de uma onda de interesse, nas décadas de 60 e 70, pela compreensão dos efeitos colaterais negativos da tecnologia. (DUSEK, 2009, p. 9-10)

Cresce, em todos os quadrantes da Terra, a interveniência dos governos na área científica e tecnológica. Essa tendência, na verdade, já tornara-se clara logo após a Segunda Guerra Mundial.

Durante o mencionado conflito, ocorreu uma mobilização da comunidade científica e tecnológica, voltada para a solução de problemas estratégicos, dependentes do desenvolvimento de novos conhecimentos, que iam de métodos de gerência até cibernética.

A definição de objetivos e a alocação de recursos, seguidos de acompanhamento e avaliação, realizados na ocasião, resultaram em extraordinários avanços científicos, que geraram inovadoras e importantes utilizações civis. Evidenciou-se que a capacidade tecnológica tornara-se fator estratégico central, tanto para o poderio militar, quanto para o desenvolvimento econômico, social e político. Ciência e tecnologia passou a ser um binômio, em virtude da forte interação entre eles. Junte-se a isso, o fato de que na evolução científica e tecnológica não há patamar definitivo a ser atingido, pois a escalada é contínua.

As mudanças ocorrem rapidamente e afetam profundamente o homem, o meio ambiente e as instituições sociais, de forma avassaladora, na história da humanidade. Particularmente, as instituições sofrem enormes impactos, provocados pelo emprego de novas tecnologias que, via de regra, alteram hábitos, valores e tradições que pareciam imutáveis. A introdução dessas novas tecnologias, quase sempre, é uma decisão do setor produtivo, fora do alcance da sociedade. As alterações ambientais e comportamentais resultantes são de tal ordem e tão inesperadas,

que as instituições sociais não conseguem acompanhá-las e adaptar-se, enfrentando, então, sérias crises. Logo, existe um descompasso entre o avanço científico e tecnológico e a capacidade de reação e de reorganização da sociedade diante da nova realidade.

Na verdade, os avanços científicos e tecnológicos em geral, e os avanços das comunicações e dos transportes, em particular, estão provocando a internacionalização da cultura, a globalização da produção dos mercados e da economia e a planetarização dos países.

Daí, uma pergunta se impõe: a tecnologia, enquanto aplicação da ciência, é sempre benéfica? Não, porque o homem, ainda, não descobriu o sentido e o papel da ciência e da técnica. O sentido de objetivação retira o sentido da ciência, que se afasta, cada vez mais, do mundo da vida. Mais objetivação, mais consumo etc. O mundo não deve ser manipulado, nem destruído. O dinamismo da técnica não é acompanhado pelo dinamismo da cultura. Há que se conseguir um novo modo de se fazer cultura. Para tal, falta um projeto de humanidade. Qual seria, então, o significado humano da técnica? Que a técnica contribuísse para a formação de uma espiritualidade, pois a técnica a impede.

Husserl foi o primeiro a denunciar, no início do século passado, o processo de idealização do mundo, a partir do Renascimento (leia-se surgimento da Ciência Moderna). As ciências positivas que se desenvolveram, a partir da matematização da natureza lançavam no esquecimento o mundo da vida, escondendo os seus sentidos. Apesar disso, Husserl nunca criticou o progresso da ciência.

O desvio da ciência é a objetivação do mundo e isso se deu, porque a ciência ficou na superfície, não penetrou nos significados, se esqueceu do mundo da vida. A ciência não sabe da sua

cientificidade e, por isso, ficou só no objetivismo. Já a fenomenologia confere papel importante à subjetividade.

A fenomenologia marca a passagem da filosofia pré-científica para a científica. A filosofia deixa de ser uma concepção de mundo para ser uma ciência.

Enquanto as ciências positivas são de fatos, a fenomenologia é uma ciência *eidética*, de essências. Enquanto as primeiras encobrem o sentido do mundo, a fenomenologia, como ciência de rigor, desoculta o sentido das coisas.

Todo estudo, até agora, mostrou o esquecimento do mundo da vida. O papel da ciência é explicitar o mundo da vida, jamais encobri-lo. Então, vem a filosofia e explicita o mundo da vida. A fenomenologia, a filosofia de essências, fundamenta as ciências, pois o conhecimento verdadeiro é o conhecimento de essências. Ela não idealiza nada. Parte apenas do objeto, da essência do objeto.

Por outro lado, a ciência objetiva explica apenas uma parte do mundo. Uma ciência geral seria a ciência do mundo da vida, isto é, daria uma idéia do mundo da vida.

Infelizmente, o cientista não se dá conta da totalidade do mundo da vida. E a tendência dominante do pensamento sobre o mundo é algorítmica. Com isso, o sentido do mundo da vida se desloca para o sentido da técnica, cuja palavra de ordem é evitar o que é humano. O homem tem que se submeter à máquina. E o mais grave do avanço tecnológico é não depender do homem. A tarefa da ciência é dominar a natureza, inclusive o homem, se possível substituí-lo.

Em que pese a existência do mundo técnico, nós somos obrigados a conviver com o mundo da vida, embora, hoje, seja a

técnica a dar sentido ao mundo. O mundo da vida passa a ser o mundo dos objetos científicos, idealizados a partir dos objetos reais. É a ciência transformada em técnica que, aos poucos, assume uma função normativa, por exemplo, leis econômicas, leis biológicas, etc. É a técnico-ciência fazendo uma intervenção no mundo da vida.

Husserl acreditava num novo retorno ao mundo da vida, independente da interveniência da ciência. Seria um retorno humanístico ao mundo da vida, o oposto do mundo da técnica, onde a questão moral passa a ser secundária.

As ciências objetivas, aliadas ao capital, dominam o mundo de hoje. E quem se apossou da proposta de retorno ao mundo da vida foi a técnica. A cibernética predomina sobre o mundo da vida, quando propõe eliminar, ao máximo, humanos das ações humanas. A técnica e a cibernética eliminam a vontade humana. Isso atinge o direito, a moral. Isso atinge tudo.

As certezas desaparecem, porque as incertezas começam a ser dominadas pela técnica. É a destruição da subjetividade pela técnica. Tudo será regulado pela técnica. A técnica deixa de ter uma finalidade e passa a ser um fim em si mesma.

O domínio do mundo da vida não é o mundo da reflexão do mundo da vida, mas o mundo da técnica, que destrói a nossa subjetividade, e traz o risco da desordem.

O que acontece no plano técnico é a eficácia na dominação do mundo da vida, que, para Husserl, é o mundo primitivo, mundo sem preocupação técnica, conceitual e sem explicação. A técnica se preocupa com *o como funciona o mundo da vida*, desmonta a compreensão ontológica, e passa a falar de operacionalidade dos objetos.

O homem é o mundo da vida também. O homem é um objeto privilegiado nesse mundo, onde a sua subjetividade é modificada pela técnica. Nele, o homem se esquece de se ver como pessoa, pois a técnica retira tudo de humano que existe no homem, modifica a sua subjetividade.

A técnica é o progresso pelo progresso e o seu avanço desmonta o mundo. O mundo espontâneo da vida desaparece e deixa, em seu lugar, um mundo artificial, onde a técnica, a serviço do capital, domina a natureza e, por vezes, perde o controle desse domínio. Exemplifica essa perda, o desastre de grandes proporções, ocorrido recentemente no Golfo do México.

### **3. CONCLUSÃO**

Nesse trabalho buscamos apresentar a relação entre o mundo da vida e a tecnologia, hoje, fora de controle. Em outras palavras, a tecnologia a serviço do capital. Para tal, utilizamos um texto de Husserl, *A Crise das Ciências Européias e a Fenomenologia Transcendental*, além de outros textos de apoio, de modo a mostrar que existe possibilidade de adoção de uma atitude, por parte da ciência, em relação ao mundo da vida. Essa oportunidade exige resgatar a subjetividade fenomenológica, no lugar da racionalidade objetiva e matematizável, típica dos procedimentos científicos, abandonando o afã de querer agir sempre mediante explicações e demonstrações. Para isso, é necessário dar uma chance à experiência vivencial.

Para uma compreensão da ciência produtora de tecnologia, situada no mundo da vida, a fenomenologia obriga que ela deixe

de se submeter ao institucional, isto é, deixe de ser uma propriedade institucional, condição que a afasta do mundo da vida e a expõe às inúmeras crises históricas.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. SP: Martins Fontes, 1999.

HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Européias e a Fenomenologia Transcendental*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2002.

DUSEK, V. *Filosofia da Tecnologia*. SP: Edições Loyola, 2009.

PACI, E. *Función de las ciencias y significado del Hombre*. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.